


ANÁLISE DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NO BRASIL

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.029-022>

Ana Paula Amazonas Soares

Doutora em Economia

Universidade Federal Rural de Pernambuco

E-mail: ana.soares@ufrpe.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0164-699X>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0216127558312955>

João Ricardo Gomes Porciúncula Barbosa

Graduando em Economia

Universidade Federal Rural de Pernambuco

E-mail: joao.porciuncula@ufrpe.br

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3249812708063434>

Eliane A. Pereira de Abreu

Doutora em Economia

Universidade Federal Rural de Pernambuco

E-mail: eliane.abreu@ufrpe.br

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3101422198167935>

Arthur Senna

Doutor em Ciências Sociais

Universidade Federal Rural de Pernambuco

E-mail: artsenna@hotmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5080883627218468>

RESUMO

A violência nas escolas emergiu como uma questão de grande relevância nacional após a ocorrência de incidentes trágicos envolvendo crianças em diferentes estados do Brasil. Estes eventos impactantes levantaram sérias preocupações sobre a segurança dentro das instituições de ensino e sublinharam a urgência de abordar a questão da violência escolar em todo o país. O artigo se propõe a analisar a violência nas escolas do ensino médio, através das respostas dos diretores das escolas. A base de dados tem como referência os resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) nos anos de 2019 e 2021, no contexto dos estados brasileiros. Os dados apresentam uma diminuição dos tipos de violência apontados entre 2019 e 2021, a exceção do tipo Roubo. Para o ano de 2021, onde foram introduzidos novos tipos de violência, principalmente de aspecto psicológico, os dados se revelam preocupantes no que diz respeito ao Bullying, ao Vandalismo e a completa não percepção do Assédio Sexual. Ao compreender melhor as dinâmicas da violência escolar, será possível elaborar abordagens para o aumento do capital social, promovendo assim um ambiente escolar mais seguro e acolhedor, e, conseqüentemente, aumento do capital humano.

Palavras-chave: Violência escolar. Segurança. SAEB. Educação.

1 INTRODUÇÃO

A análise da violência escolar, de uma forma mundial é uma preocupante realidade, afetando milhares de estudantes em todo o mundo. Esse problema complexo se manifesta de diversas maneiras, como apresentado por órgãos internacionais que são destacados a seguir.

A Organização Mundial para a Saúde (2014) afirma que “*Violence of all types is strongly associated with social determinants such as weak governance; poor rule of law; cultural, social and gender norms; unemployment; income and gender inequality; rapid social change, and limited educational opportunities*” (em tradução livre: “A violência de todos os tipos está fortemente associada a determinantes sociais como a fraca governação; Estado de direito deficiente; normas culturais, sociais e de gênero; desemprego; desigualdade de rendimentos e de gênero; rápida mudança social e oportunidades educacionais limitadas”).

A UNICEF (2021) apresenta argumento de que a violência escolar pode ter sérios efeitos psicológicos em crianças o que pode levar a problemas de aprendizado. É importante que a criança se sinta Segura no ambiente escolar, sem medo.

O Centro para Controle das Doenças Americano (CDC, 2021) afirma que: “*School violence is violence that occurs in the school setting. It describes violent acts that disrupt learning and have a negative effect on students, schools, and the broader community*” (em tradução livre: “A violência escolar é a violência que ocorre no ambiente escolar. Descreve atos violentos que perturbam a aprendizagem e têm um efeito negativo nos alunos, nas escolas e na comunidade em geral”).

A violência escolar foi caracterizada como um fenômeno multifacetado, que se manifestava tanto de forma verbal quanto de forma física. Além disso, percebeu-se que a violência dentro e fora do ambiente familiar estava relacionada às ocorrências dentro da escola.

O importante é ressaltar que a violência, quer seja física ou verbal, prejudica o aprendizado e, portanto, diminui as chances de o aluno desenvolver o capital humano, como necessário retorno da educação como investimento futuro.

Investimento em educação é um componente importante para o aumento do capital humano das próximas gerações, como citado pelos autores Psacharopoulos (2005) e Schultz (1961), que veem a educação como um investimento. Ou seja, o Estado como gestor, deve pensar que ao combater a violência, está também investindo em capital humano.

Solow (1961) em seu modelo de crescimento, considera que a acumulação de capital deve também considerar a educação como investimento em capital humano. Tal modelo foi posteriormente amadurecido e desenvolvido por Romer (1990), Mankiw, Romer and Weil (1992) e Mincer (1974).

No Brasil, Langoni (1973) coloca a política nacional da educação como instrumento importante para redução das desigualdades regionais. No mesmo sentido, sobre as explicações sobre a desigualdade regional, Barros (2011) demonstra que “a essência da explicação das disparidades



regionais brasileiras está nas diferenças em disponibilidade de capital humano nas diversas regiões, ao menos no que diz respeito ao atraso relativo do Nordeste em relação ao Sul e ao Sudeste”.

Portanto, considerar o capital humano como importante ferramenta de para o desenvolvimento e de diminuição das disparidades regionais é de extrema importância. Assim, estudar os determinantes da assimilação da educação proporcionada pelo Estado é um tema essencial.

Neste sentido, inicia a importância da educação como motor de crescimento (passa a ser importante para aumentar a renda) e de desenvolvimento (melhora na qualidade de vida).

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS NO BRASIL

Considerando que a violência é um problema a nível mundial. O Brasil não está imune. Políticas Públicas neste sentido vem sendo realizadas para conter seus impactos na sociedade. A identificação dos tipos de violência e como observar tais tipos em todos os estados vêm se modificando ao longo do tempo.

O aumento nos casos de violência reportados recentemente na mídia, pode-se considerar que nos últimos quatro anos ocorreram vinte e quatro ataques nas escolas com 137 vítimas e 45 morreram. São trágicos acidentes e que chamam a atenção de dois casos nos quais envolveram crianças da creche em Santa Catarina, e outro em São Paulo, onde o estudante entrou matou uma professora e feriu mais cinco outros colegas.

Para além dos casos reportados, Barbieri, Santos e Avelino (2021) apresentam que a violência está presente em ações corriqueiras no ambiente escolar e que pode não ser percebida. Porém, ressaltam que tais atos podem ser combatidos com projetos e ações, por exemplo arte-educação.

Silva e Assis (2018) demonstram a importância da prevenção e enfrentamento da violência nas escolas, destacando seu papel na promoção de relações democráticas, convivência harmoniosa e respeito às diferenças. Geralmente, essas iniciativas são promovidas pelas próprias escolas, instituições privadas ou políticas públicas e podem incluir formação em competências sociais, segurança e participação.

Mais uma vez, se pode perceber a importância dada a educação como meio de investimento em capital humano. Ou seja, é necessário apresentar ao aluno um ambiente seguro para que sejam desenvolvidas as devidas competências para o desenvolvimento de seu próprio capital (capital humano) e que propiciem uma educação segura e enriquecedora para todos.

Diversos estudos têm destacado o aumento da ocorrência de comportamentos agressivos entre estudantes, como bullying, agressões verbais e físicas, bem como outras formas de violência escolar. Como já enfatizado, tais situações negativas comprometem a qualidade da educação, o bem-estar dos alunos e a formação de cidadãos conscientes e responsáveis. Diante desse cenário, torna-se

imprescindível explorar e aplicar abordagens explanatórias a níveis nacionais e locais que sejam eficazes para prevenir e combater a violência nas instituições de ensino.

No contexto histórico da abordagem da violência, inicia-se com o pós-ditadura, na década de 80. Como pode ser observado por Sposito (2001) em seu breve balaço dos textos exposto revela que os temas abordados se centram nas relações de violência dentro da escola – ações contra o patrimônio, como depredações e pichações – e violência como formas de agressão interpessoal, sobretudo entre os próprios alunos.

Os estudos sobre a violência na época de consolidação da democracia, traz temas ligados à dinâmica entre escola e periferias. Em especial as escolas situadas em áreas influenciadas pelo tráfico de drogas ou pelo crime organizado mostra, demonstrando que o comportamento dos alunos muitas vezes reflete uma sociabilidade marcada por agressões e pequenos delitos, caracterizada como incivilidade, e que tem suas raízes na crise do processo civilizatório da sociedade contemporânea.

Os estudos abordados nas décadas de 80 e 90 tinham foco na infraestrutura da escola e sua posição geográfica, ou seja, nas escolas da periferia que eram prejudicadas pelo tráfico que entra na escola.

Não que a violência periférica e de tráfico de drogas não esteja mais presente nas escolas, mas como será visto, seu impacto diminuiu significativamente ao longo da evolução da democracia e da preocupação com o impacto desta no capital humano.

O estudo feito por Giordani, Seffner e Dell’Aglío (2017) já mostra essa nova percepção, onde com a análise de conteúdo, se resultou na identificação de quatro categorias discursivas: Violência entre pares, Violência entre alunos e professores, Violência extramuros e Ações de enfrentamento.

A violência verbal passou a ser importante quando se pode ter conhecimento dela por parte dos diretores e professores. Ou seja, dentro de um consciente abstrato de que sempre houve alunos que se destacam como perturbadores de outros, não havia como verificar o impacto das ações desses perturbadores na educação escolar.

No entanto, com o advento da internet, no qual há um maior palanque para tais indivíduos e que suas ações passam a ser verificadas por diretores e professores mais facilmente e não apenas extramuros. Passa-se a considerar o Bullying como um dos aspectos de violência que se deve levar em consideração.

O bullying é uma forma de violência que ocorre entre estudantes e pode se manifestar de maneiras variadas, como agressão física, verbal e relacional. Esse comportamento agressivo e repetitivo tem efeitos devastadores nas vítimas, acarretando problemas de saúde mental, baixa autoestima e dificuldades acadêmicas. Além disso, o bullying cria um ambiente escolar negativo, prejudicando a experiência educacional de todos os alunos e perpetuando-se em meio à tolerância social e desigualdades de poder entre os estudantes.

Dentro do grande cobertor do bullying, pode-se observar também o assédio e a discriminação, ambas com foco no verbal e que se misturam às ações de bullying. Portanto, encobertas por ele.

O artigo de Oliveir-Menegotto, Pàcini e Levandowski (2013) traz uma pequena revisão de artigos publicados no Scielo sobre o tema bullying. Os autores citam que foi na década de 90 que o tema passou a ter visibilidade. Porém, só em 2005 foi que passou a ter destaque científico aqui no Brasil, com o aumento das publicações científicas e tem despertado o interesse de diferentes áreas de conhecimento, como psicopedagogia, direito, educação física e pedagogia.

No entanto, até o final de 2011, houve poucos artigos que discutiram o papel e a atuação do psicólogo em relação ao bullying. A nível nacional, o tema só foi introduzido nas questões do SAEB em 2021 (INEP, 2022).

A prevenção da violência nas escolas é uma das estratégias mais eficazes para lidar com esse problema complexo. A abordagem preventiva busca identificar fatores de risco e promover um ambiente escolar seguro e acolhedor para o desenvolvimento socioemocional dos alunos.

Nesse contexto, obras como a de Olweus (2017) apresentam um programa abrangente de prevenção, fundamentado em intervenção escolar, envolvimento dos pais e colaboração da comunidade. Essa abordagem holística visa engajar toda a comunidade escolar na identificação e enfrentamento do bullying, implementando regras claras contra o comportamento agressivo, treinando professores e alunos para lidar com essas situações e proporcionando um ambiente seguro e acolhedor.

Já Maldonado e Micheli (2021) destacam a importância do desenvolvimento de competências socioemocionais como uma estratégia preventiva para a violência nas escolas. Ao fortalecer o emocional e o relacional dos estudantes, cultivando habilidades como empatia, autocontrole, resolução de conflitos e comunicação assertiva, cria-se um ambiente escolar mais seguro e acolhedor. O livro também oferece orientações para a mediação de conflitos quando eles surgem, enfatizando a importância de uma cultura de paz e respeito.

Giordani, Seffner e Dell'Aglio (2017) destacam a importância das ações da direção da escola na resolução dos conflitos. O estudo ressaltou a necessidade de projetos de intervenção que se concentrem nas relações sociais entre os adolescentes, bem como na formação dos professores e da equipe diretiva, a fim de lidar eficazmente com os casos de conflito no ambiente escolar.

As intervenções devem ser incorporadas de forma contínua e sistemática no dia a dia escolar, como parte do projeto pedagógico de políticas públicas nos diversos níveis de poder. Ao ter conhecimento de informações sobre possíveis vulnerabilidades sociais, o Estado deve agir de forma a prevenir a existência e o aumento da violência nas escolas, de forma a promover o aumento do capital humano.

As redes sociais fornecem aos seus membros, segundo Wellman e Frank (2001), ajuda emocional, ajuda material, informação, companhia e senso de pertencer a algo maior do que eles. O

apoio social promovido pelas mesmas é uma das muitas formas que os seus membros têm de obter recursos para serem negociados no seu dia a dia, de medir e ampliar as suas oportunidades e de reduzir as incertezas.

As abordagens preventivas devem levar em consideração as particularidades do contexto brasileiro, ou seja, para além de considerar o capital humano, se deve buscar também o aumento do capital social, como Puttman (2002), Coleman (1990), Bandeira (1999), Coleman (2000) e Bandeira (2002). Envolver todos os atores sociais quer sejam os atores diretamente envolvidos nas escolas, mas também os pais, a comunidade e outros atores sociais.

São os elos formados no seio da sociedade, que unem os seus membros em torno de objetivos comuns, que se baseia a teoria do capital social. Dentro dessa ótica é que se encontra o combate, o monitoramento e a identificação de pontos fortes e desafios das políticas públicas. A sociedade e os dirigentes ao trabalharem de forma colaborativa e dedicada, com base no desenvolvimento do capital social, será possível criar um ambiente escolar seguro para o aumento do capital humano.

O objetivo do artigo é centrar suas considerações nos resultados sobre violência obtidos nas respostas dos diretores no Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB – para os anos de 2019 e 2021, para todas as escolas do ensino básico cujos diretores responderam às questões sobre violência nas escolas, não importando a dependência administrativa para todo o Brasil. Especificamente, observar os tipos de violência questionados em ambos anos, estimar o número de respostas, verificar a frequência de ocorrência para cada tipo de violência indicada pela gestão escolar, promover o cálculo dos percentuais segundo os estados e realizar a comparação entre os anos.

3 METODOLOGIA

A metodologia apresentada no estudo é uma abordagem quantitativa, que descreve a violência nas escolas do ensino básico brasileiro sob o ponto de vista das respostas dadas pelos dirigentes escolares sobre as ocorrências de violência em suas escolas. Tem natureza aplicada que descreve o percentual de ocorrência de violência nos diversos estados e uma comparação entre os anos de 2019 e 2021. É uma pesquisa documental, mas, ao mesmo tempo, calcula os percentuais médios para os diversos estados nos diferentes anos da pesquisa SAEB.

No contexto brasileiro, onde a violência nas escolas é uma realidade preocupante, é importante o uso dos dados do SAEB sobre violência na escola porque o mesmo é apresentado de forma padronizada, uma vez que a pergunta é sempre feita da mesma forma e para todos os diretores das escolas do ensino básico.

Então, as abordagens apresentadas por tal estudo são valiosas para educadores, gestores escolares e formuladores de políticas públicas, uma vez que a violência nas escolas é um problema que afeta profundamente o sistema educacional.

Dessa forma, ter o SAEB como instrumento de análise comparativa entre os dois anos é de fundamental importância porque, para além de ser padronizado, as informações podem ser comparadas entre os anos e servem como guia para políticas públicas.

É bom lembrar da situação sanitária que ocorreu em 2020, a pandemia mundial do vírus SARS COV-19. Este é, então, um divisor de águas para alguns resultados. O ano de 2019 foi um ano anterior a pandemia, no qual as atividades na escola eram ordinárias e normais. Enquanto, em 2021, as atividades presenciais eram realizadas com restrição, foi o ano que se iniciou a vacinação e houve retorno parcial às aulas e com muitas restrições no segundo semestre do ano. A implementação da volta às aulas foi realizada com regras determinadas por cada Estado, ou seja, com diferenças entre estados e de acordo com sua respectiva política sanitária.

Considerando que foi no segundo semestre de 2021 que as aulas passaram, gradativamente ser presenciais, não se pode afirmar que a variação nos atos de violência foram, de fato variações significativas. Porém, não se pode deixar de comparar, já que existiu a frequência nas escolas.

Outro ponto que se deve ter em mente é que houve mudança na quantidade de perguntas sobre a violência. O questionário aplicado em 2021 foi modificado para incluir novos tipos de violência que, segundo o INEP (Leia-me, 2022), foi revisto após considerações de artigos científicos na área.

Como será visto, foram introduzidas mais questões sobre outros possíveis atos de violência ocorridos nas escolas. Pontos comportamentais entre alunos que eram observados mais ao longe do gestor ou professor, como era o caso do bullying, do assédio sexual ou da discriminação. Para além dos atos comportamentais, foram introduzidas as invasões da área da escola, o vandalismo e o tiroteio.

Por fim, as escolas não podem ser identificadas entre os anos, pois, com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), incorporada ao ordenamento jurídico brasileiro por meio da Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Pois, a Direção Escolar, apesar de ser anônima, em alguns casos, era possível a identificação da escola e, portanto, o diretor. No ano de 2021, tal identificação não será mais possível. Portanto, não se pode identificar se a escola mudou ou não o grupo de resposta.

3.1 DADOS DO SAEB SOBRE VIOLÊNCIA NO ENSINO BÁSICO

Cada Direção Escolar representa a escola e irá responder sobre a frequência com que observou certo ato de violência na mesma. Dessa forma, os Diretores que responderam à questão, serão divididos de acordo com a sua resposta de frequência de ocorrência. O que dirá com que frequência em sua escola ocorreu atos de violência. Tal conjunto de repostas será traduzido em percentuais do total de respondentes para cada questão, uma vez que a direção pode responder alguns atos e a outros não. A ação se repete para cada ano (2019 e 2021) e cada local (diferentes estados).

Em 2019, para todo o Brasil, foram questionadas 67.886 direções de escola e em 2021 foram 68332. Mas, isso não implica que todos responderam às questões sobre violência, o nível de resposta

vai depender se houve ou não resposta a cada questão específica. Porém, o percentual médio de resposta para o Brasil como um todo foi de 94,4%, considerando o número mínimo de respondentes para cada estado em 2019 e em 2021 o percentual médio de mínimo de respondentes foi de 93,1%, apesar de terem enviado mais questionários. Portanto, em 2021 houve um número maior de não respostas para um número mínimo de respondentes.

Para os diferentes estados, os percentuais de diretores respondentes em relação ao mínimo de respostas estão acima do 90%, a exceção do estado de Roraima (88,3%) para o ano de 2019. O maior percentual de resposta foi do Amapá (99,7%) para o ano de 2019. As estatísticas de dirigentes entrevistados, respondentes e os percentuais de mínimo de respostas par cada um dos estados da Federação pode ser encontrado na Tabela 1 abaixo:

Tabela 1 – Número de Dirigentes Entrevistados, Mínimo de Respostas e Percentual de Resposta segundo Estados

Região	UF	2019			2021		
		Total	Mínimo Resposta	% Resp	Total	Mínimo Resposta	% Resp
Norte 1	RO	668	637	95,4	678	634	93,5
	AC	375	371	98,9	405	376	92,8
	AM	1.378	1.271	92,2	1.401	1.270	90,6
	RR	240	212	88,3	232	211	90,9
	PA	3.228	3.193	98,9	3.469	3.198	92,2
	AP	317	316	99,7	354	329	92,9
	TO	812	744	91,6	793	740	93,3
Nordeste 2	MA	3.655	3.526	96,5	3.812	3.520	92,3
	PI	1.985	1.866	94,0	2.011	1.861	92,5
	CE	3.545	3.354	94,6	3.565	3.349	93,9
	RN	1.451	1.347	92,8	1.453	1.339	92,2
	PB	1.877	1.788	95,3	1.922	1.788	93,0
	PE	3.077	2.930	95,2	3.152	2.925	92,8
	AL	1.311	1.250	95,3	1.338	1.248	93,3
	SE	980	945	96,4	1.018	944	92,7
Sudeste 3	BA	5.931	5.409	91,2	5.805	5.396	93,0
	MG	6.326	5.879	92,9	6.328	5.861	92,6
	ES	1.225	1.152	94,0	1.222	1.151	94,2
	RJ	4.051	3.779	93,3	4.037	3.772	93,4
Sul 4	SP	10.078	9.461	93,9	10.017	9.445	94,3
	PR	4.276	3.972	92,9	4.209	3.964	94,2
	SC	2.292	2.203	96,1	2.307	2.203	95,5
Centro-Oeste 5	RS	3.948	3.633	92,0	3.927	3.626	92,3
	MS	853	803	94,1	856	801	93,6
	MT	1.217	1.122	92,2	1.194	1.118	93,6
	GO	2.214	2.104	95,0	2.243	2.096	93,4
	DF	576	549	95,3	584	547	93,7

Fonte: SAEB 2019 e 2021

No que diz respeito às questões abordadas em 2019 e 2021 foram realizadas da seguinte forma: Sobre os fatos listados abaixo, diga a frequência com que ocorreram neste ano, nesta escola. Os tipos de violência eram listados como: Houve **tráfico** de drogas na escola; houve ocorrência de **roubo** com



uso de violência; profissionais foram vítimas de **atentado** à vida; Alunos(as) frequentaram a escola portando arma (**armados**); Alunos(as) frequentaram a escola sob efeito de drogas ilícitas (**drogados**); Alunos(as) frequentaram a escola sob efeito de bebida alcoólica (**alcoholizados**); profissionais foram ameaçados(as) por algum aluno (**ameaças**).

Em 2021, o conjunto de perguntas sobre violência foi ampliado. Depois de discussão e verificação de ampla bibliografia sobre o tema, foram incluídas questões sobre: Depredação do patrimônio escolar (**vandalismo**); **Tiroteio** / bala perdida; **Invasão** do espaço escolar; **Discriminação**; **Bullying** (ameaças ou ofensas verbais); e, **Assédio** sexual.

As respostas dadas pelos Diretores não eram em formato de números, mas, sim, em escala que adota a percepção do diretor sobre a frequência de ocorrência. Dito de outra forma, era uma escala ordinal, na qual deveriam ser dadas respostas de como o gestor percebe o ocorrido em sua respectiva escola, escala esta composta pelas respostas: **Nunca**, **Poucas vezes** ou **Várias vezes**.

Considerando as respostas válidas, estas foram agrupadas de acordo com a resposta e foi extraído o percentual para cada uma das frequências, para cada estado e ano de referência. Portanto, foram apresentadas em termos de percentual de resposta dada, e acordo com a frequência de acontecimentos, para o estado de acordo com o evento abordado para todas as escolas respondentes, no ano específico, lembrando que os resultados são apresentados de acordo com os percentuais de *gestores respondentes* e não o total de gestores entrevistados.

Para efeito de análise, o percentual de respostas “**Nunca**” foi retirado de todos os gráficos, pois a análise centra-se nos atos relativos à violência, respondidas pela Direção Escolar, fatos que *ocorrem* na escola, de uma forma geral e naquele ano.

Um ponto interessante é que a resposta “**Nunca**” detém um percentual elevado e que implica da não ocorrência de violência nas escolas segundo a visão do gestor. Mas, é aquele que este pode ser obtido como complemento ao 100% de respostas.

Não se questiona, aqui se a resposta dada pelo Diretor detém cunho político ou cognitivo, pois não houve nenhuma ação por parte do órgão de pesquisa para os influenciar, ou ocorrência de influência partidos políticos ou mesmo que se considere questões pessoais de forma que sejam significativas ao ponto de deter viés de resposta.

4 RESULTADOS

Considerando então que há um divisor entre o conjunto de perguntas, a análise será dividida em duas apresentações, uma comparação entre aquelas questões iguais entre os anos de 2019 e 2021 e uma análise das novas questões do ano de 2021.

4.1 COMPARAÇÃO ENTRE ANOS

A direção responde entre fatos ocorridos naquele ano e qual foi a determinada frequência. Também é importante lembrar que nesta etapa só serão consideradas questões que pertencem ao mesmo tipo de violência e que detêm a resposta dentre dos mesmos parâmetros de escala.

Importante ressaltar que o percentual está ligado ao número de escolas com uma determinada frequência de ocorrência daquele tipo de violência, respondida pelo Diretor. Então, a análise despreza, como dito anteriormente as respostas com frequência “**Nunca**” porque, supostamente, aquele tipo de violência não ocorreu.

Os gráficos expõem os sete tipos de violência consultados em ambos os anos, no eixo horizontal estão as unidades da federação e no vertical estão os percentuais acumulados de respostas. Portanto, cada barra refere-se ao percentual acumulado de resposta para cada tipo de violência, para cada específico e em cada estado. Então, quanto maior a barra, maior será o acontecimento da referida violência, para aquele estado naquele ano específico.

Como pode ser observado no Gráfico 1 e em seus pequenos gráficos, quer seja para o ano de 2019 quer seja para o ano de 2021, qualquer que seja o tipo de violência ocorrida nas escolas, as somas dos percentuais de ocorrências Poucas e Várias não ultrapassam 40%. Ou seja, a maioria dos estados não apresentam tais tipos de violência.

Na análise visual, também se destaca que a região do Centro-oeste (Estados e Distrito Federal) detêm maior percentual acumulado de violência na maioria dos tipos descritos.

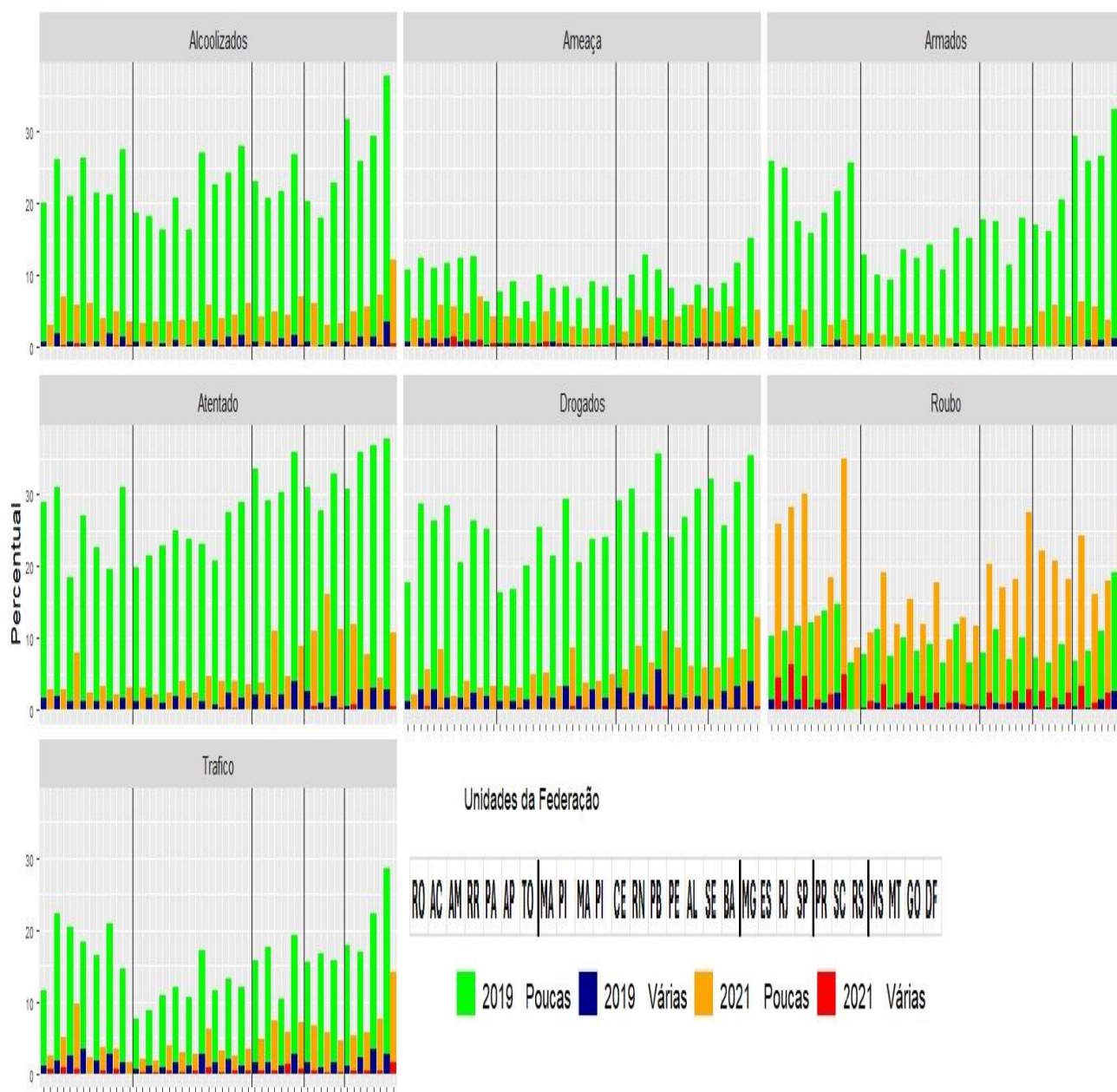
Outro ponto a destacar, na análise visual, é que apenas para o tipo de violência Roubo, a frequência de ocorrência foi maior em 2021 que em 2019. Assim, se pode observar que para diversos tipos de violência as colunas referentes ao ano de 2019 são sempre maiores que as colunas referentes ao ano de 2021, respectivamente, para os diversos estados. Significa dizer que na comparação entre os anos, o ano de 2021 foi menos violento, ou seja, há uma diminuição da violência quando comparados entre os anos e a análise será verdade à exceção da violência tipo Roubo.

No que se refere à comparação entre anos, as colunas representam o percentual acumulado de respostas percentuais dadas pelas frequências Pouco e Várias vezes para os anos de 2019 e 2021 segundo os estados em ordem estabelecida na legenda. Dessa forma, ao realizar a comparação entre os tamanhos das colunas, esta reflete a ocorrência acumulada dos acontecimentos de acordo com a referida frequência observada pelos gestores (Poucos + Vários), para cada tipo referenciado de violência, nos diferentes anos e estados.

Gráfico 1 – Tipos de Violência segundo Estados

Tipos de Violencia

Estados



Fonte: Microdados SAEB 2019 e 2021

Com respeito à preocupação de políticas públicas para o combate a tipos de violência com frequência elevada, quer seja em 2019, quer seja em 2021, as violências dos tipos Atentado à Vida (**Atentado**), Alunos sob efeito de Drogas (**Drogados**) e Alunos sob efeito de Bebida (**Alcoolizados**), em especial com grande percentual no ano de 2019, devem ser foco de ação.

Não se pode afirmar que houve, de fato, diminuição deste tipo de violência dadas as condições da pandemia, que influenciaram no perfeito funcionamento das escolas. Mas, o tamanho da coluna em

2021 é significativamente menor quando comparada com 2019. Portanto, o que fica importante observar que houve diminuição.

A violência tipo **Roubo**, que foi significativamente maior em 2021, pode revelar os impactos causados pela pandemia nas dependências das escolas. Porém, importa lembrar que a pergunta feita se refere a ocorrência de roubo com violência, ou seja, a percepção dos diretores durante o ano de 2021 foi que ocorreu um aumento das ações criminosas na escola, o que pode ser a consequência da baixa no nível de renda dos usuários da escola (estudantes ou não) e não um aumento no roubo das instalações escolares devido ao não uso em parte do ano.

Apesar da violência por Ameaças ser um fator de risco iminente, como observado nos últimos dois eventos de violências – na creche de Blumenau, SC e na escola de São Paulo, SP no ano de 2023 – ambos os eventos levantam questionamentos e discussões sobre o tema e o Governo deu início a implementação de medidas de segurança. É claro que foram incidentes graves e que o tema, de uma forma geral, passa a está nos holofotes da mídia.

Porém, é muito importante que sejam consideradas a tomada de decisão para o enfrentamento de incidentes de Ameaças de Alunos, com combate constante e monitoramento antes de qualquer aluno levar a cabo tal ameaça. Pois, basta que uma ameaça em qualquer escola seja efetivada que se tenha uma calamidade. Assim, impedir que haja eventos de violência extrema como os acontecidos, é difícil, mas factível com o monitoramento.

Alunos sob efeito de drogas (lícitas ou ilícitas) é um problema que vai além dos portões da escola, é um caso de saúde pública e deve ser tratado como tal.

Alunos Armados na escola deteve percentual considerado em 2019, porém, mesmo considerando a pandemia, o percentual baixa drasticamente em 2021, que seja para a frequência (Poucas vezes ou Várias vezes), quer seja para a localização (Brasil ou Pernambuco).

Importante ressaltar que para além da implementação de normas de segurança e o combate às ameaças, as políticas públicas sociais que combatam o uso das drogas (lícitas ou ilícitas) no ambiente escolar ou na vizinhança da escola, são ainda mais difíceis de implementar.

Porém, a direção escolar pode lançar mão de ações de conscientização, uma vez que ela pode se comunicar com os próprios alunos através de palestras, como os alunos ou com a comunidade; Conselho Escolar; Reuniões de Pais e Mestres; Projetos de discussão sobre a temática, entre outros.

4.2 ANO DE 2021

Em 2021 o INEP considerou a inclusão das perguntas: **Depredação** do patrimônio escolar (**Vandalismo**); **Tiroteio** / bala perdida; **Invasão** do espaço escolar; **Discriminação**; **Bullying** (ameaças ou ofensas verbais); e, **Assédio** sexual.



Tópicos desenvolvidos com base nos estudos bibliográficos mais recentes e com a perspectiva da pandemia, que afetou emocionalmente os estudantes e, de certa forma, toda a população. Assim, é sensato a inclusão desses tópicos na análise da violência nas escolas.

Apesar de ter como base a tendência da literatura, importa ressaltar que as questões advindas do reforço de policiamento – depredação e invasão – são políticas públicas que devem ser implementadas pelo Estado. Já as questões psicológicas questionadas – assédio, discriminação e bullying – são questões que envolvem uma política pública voltada para a conscientização de toda a sociedade, uma vez que é necessário o engajamento das famílias e da sociedade para seu combate.

Outro argumento para a inserção das questões psicológicas, seria a preocupação pós-pandemia, na qual houve uma preocupação sobre o bem-estar social e a nova importância dada ao bem-estar emocional do aluno.

Os dados também foram apresentados segundo todos os estados, também utilizando a mesma regra anterior, mas, sem comparação entre anos, apenas entre os locais. O Gráfico 2 abaixo apresenta os percentuais acumulados de ocorrência de violência nas escolas, percebidas pelo diretor no ano de 2021.

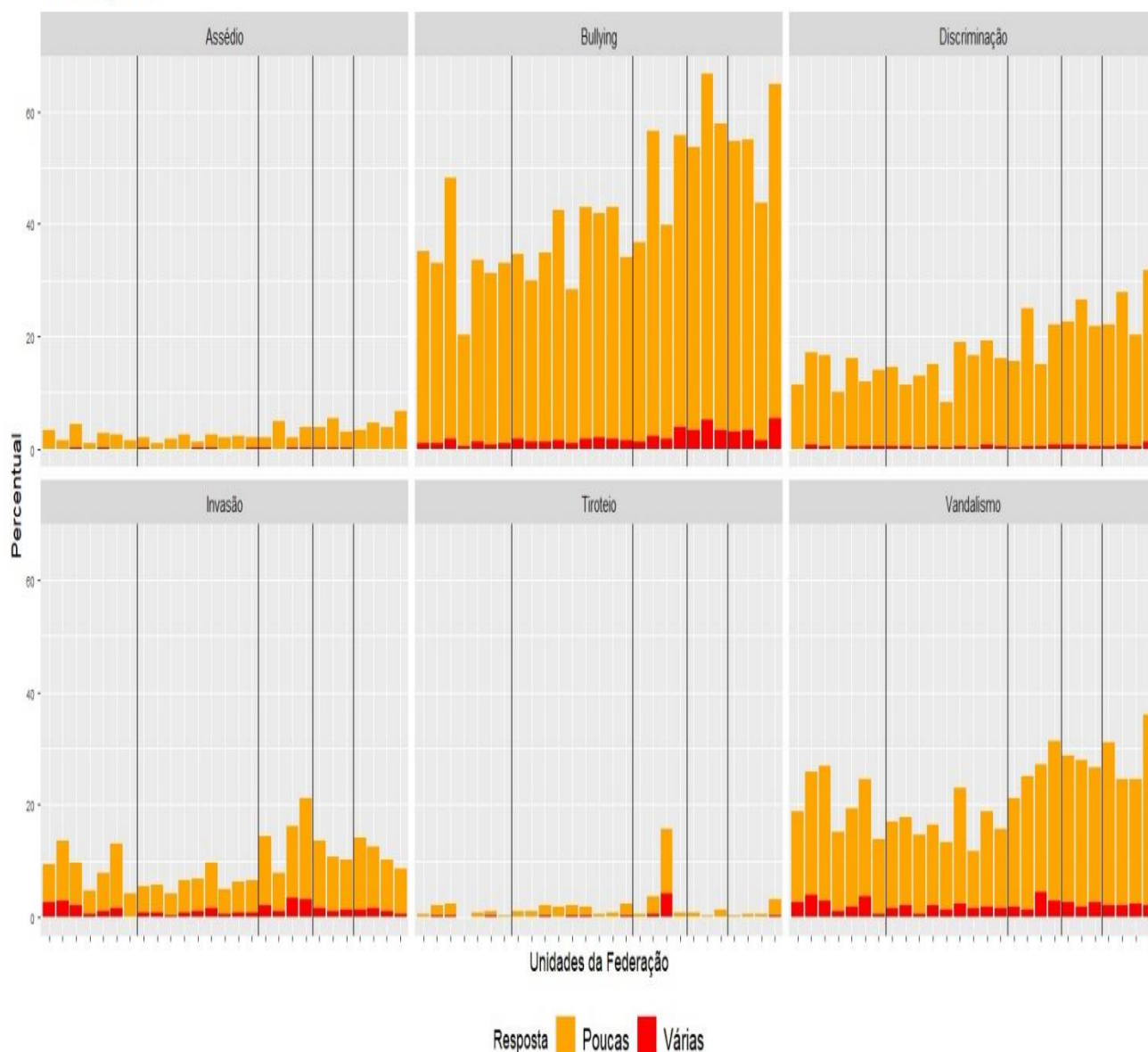
O que fica evidente nesse conjunto de novas informações, é a observância de quantidades suficientes de incidentes ocorrendo Poucas Vezes em um grande percentual de escolas. Ou seja, traz em sua apresentação preocupações com atos violentos que são observados e que não eram questionados anteriormente.

Um segundo ponto da análise visual é a frequência acumulada para os novos tipos de violência questionados para o ano de 2021. Em especial, se destaca o **Bullying**, o **Vandalismo** e a **Discriminação** e não menos importante será a **Invasão** das escolas. De uma forma geral, os percentuais de escolas em que os atos ocorreram com pouca frequência passam são significativos e evidenciados pelo percentual acumulado.

Em análise visual simples, se observa que o tipo **Assédio** Sexual é reportado em baixo percentual acumulado e em baixa frequência (**Poucas** vezes), com percentual acumulado não superior a 10%. Destacando-se o Distrito Federal e Santa Catarina com percentuais acima de 5% e frequência de **Poucas** vezes. **Várias** vezes tem percentual baixo e não é observado nos gráficos, porém existe nos estados do Amazonas, Pará, Pernambuco, Paraíba, Bahia, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Gráfico 2 – Tipos de Violência Específico em 2021 segundo Estados

Tipos de Violência
Estados, 2021



Fonte: SAEB 2021, Microdados

Fonte: Microdados SAEB 2019 e 2021

Tal resultado pode ser visto como uma miopia por parte dos diretores, uma vez que, conforme indicado por Barbieri, Santos e Avelino (2021), as ações corriqueiras as vezes não são percebidas.

O **Tiroteio** é percebido com destaque para o estado do Rio de Janeiro, com percentual acumulado acima de 15%, seguido por Espírito Santo e Distrito Federal com percentuais acumulados um pouco inferior a 5%.

A **Invasão** dos espaços físicos da escola é percebido mais frequentemente na região Sudeste e no Norte. O estado de São Paulo lidera a ocorrência, com percentual acumulado um pouco acima de 20%, Rio de Janeiro e Minas Gerais ficam com percentuais acumulados em torno de 15%. Porém, a



frequência **Várias** detém percentual elevado, o que sugere a implementação de políticas públicas de monitoramento para a prevenção do ato de invadir e proteger as o bem público.

A **Discriminação** é o terceiro tipo de violência com percentuais acumulados elevados e preocupantes. Os tamanhos das colunas sugerem que há maior ocorrência nos estados do Sudeste, Sul e Centro-Oeste, pois, na análise visual, as colunas se elevam mais naqueles estados. Observe que a frequência **Várias** vezes também é pouca ou quase nada observada, o que acende a luz para que medidas sejam tomadas para que haja prevenção da discriminação com projetos sociais. O Distrito Federal se destaca dos demais, com percentual acima de 30%, seguido dos estados do Mato Grosso e Santa Catarina.

Vandalismo é a segunda preocupação dentre os principais tipos de violência abordados nesta primeira rodada de questionamentos. Como pode ser observado, há percentual significativo de frequência **Várias** vezes e o percentual acumulado é evidentemente elevado.

Bullying é, de fato, um tipo de violência preocupante em todos os estados no ano de 2021. Alcançando patamares de percentuais acumulados acima de qualquer outro tipo de violência em 2021. O estado de Santa Catarina e o Distrito Federal são aqueles que tem maior percentual acumulado, acima de 60%.

Ao se tomar conhecimento de tal tipo de violência e sua ocorrência em todos os estados, com percentuais maiores que os demais tipos de violência, o combate passa a ser importante e deve ser considerado como política pública primordial.

Combater tal tipo de violência é difícil, uma vez que transpassa os muros das escolas e se acentua nas redes sociais. Considerando que o combate a este tipo de violência é difícil de monitorar e de implementar medidas de prevenção, as políticas públicas são importantes para a conscientização da sociedade no combate e na educação familiar.

5 DISCUSSÃO

Os resultados apresentados durante esta pesquisa nos trazem muitas reflexões acerca da violência escolar no país, principalmente em relação à visão dos administradores escolares. A redução de algumas formas de violência entre 2019 e 2021, como ataques contra a vida e estudantes armados, indica uma diminuição considerável nos atos mais graves. No entanto, é preciso levar em conta que a pandemia de COVID-19 e o encerramento parcial das escolas podem ter influenciado esse cenário. Portanto, a suposta diminuição de incidentes violentos deve ser avaliada com cuidado, pois o cenário pandêmico modificou significativamente o funcionamento das instituições de ensino e a interação entre estudantes.

No entanto, o crescimento notável de furtos em escolas em 2021, juntamente com o novo olhar proposto pela metodologia do SAEB, desperta para os altos índices da violência mental. Especialmente

quando comparada com as abordagens pesquisadas anteriormente. O bullying, vandalismo e discriminação, destacam a importância de um olhar mais cuidadoso para a violência que vai além da agressão física. Tipos de violência que afetam a mente, particularmente o bullying, evidenciam que as questões emocionais e psicológicas entre os estudantes, intensificadas pela pandemia, se manifestam em um nível alarmante, exigindo estratégias que ultrapassem a mera proteção física.

Ferramentas sociais, baseadas em apoio comunitário ou familiar, a exemplo do Capital Social, devem ser consideradas como significativas e exploradas sob a ótica de soluções para os problemas da violência. A participação da comunidade escolar, pais e administradores em iniciativas de sensibilização e resolução de conflitos é crucial para tratar esses problemas de forma preventiva.

Outro aspecto que merece ser ressaltado é a conexão entre o ambiente escolar e os elementos externos que influenciam diretamente o comportamento dos estudantes. O uso de drogas, consumo de álcool e violência fora do ambiente escolar sugerem que a escola não é um local isolado, mas espelha as tensões e desafios sociais da comunidade em que se encontra. Por exemplo, a avaliação dos dados mostra que os estados do Centro-Oeste apresentaram uma maior incidência de casos de violência, o que pode estar ligado a questões socioeconômicas regionais. Isso enfatiza a importância de políticas públicas que conectem a escola à comunidade, incentivando o crescimento do capital social como meio de prevenir a violência.

Ademais, os baixos índices de denúncia de assédio sexual, embora alarmantes, sugerem que essa modalidade de violência ainda não está sendo devidamente reconhecida ou documentada pelos administradores escolares. Isso indica uma possível subnotificação, indicando a necessidade imediata de capacitações mais eficientes para os profissionais da educação, com o objetivo de aprimorar a identificação e o manejo desses casos.

Assim, a avaliação dos dados do SAEB, apesar de mostrar progressos em alguns setores, também revela falhas consideráveis na gestão e combate a formas mais discretas de violência, que podem prejudicar o ambiente escolar de maneira silenciosa. A pesquisa possibilita um diálogo constante sobre como as instituições de ensino podem se aprimorar para enfrentar essas novas dinâmicas de violência, que vão além do espaço físico e requerem estratégias inovadoras e unificadas para assegurar o bem-estar dos alunos.

6 CONCLUSÃO

A violência nas escolas é um problema sério que afeta o sistema educacional brasileiro. Embora haja uma predominância de escolas onde a violência é rara ou inexistente, é essencial reconhecer que a ocorrência de atos violentos, mesmo em frequências menores, ainda é preocupante. A avaliação e o monitoramento dos resultados são etapas cruciais para garantir a eficácia das estratégias preventivas, daí a análise de dados nacionais como é o caso do SAEB.

Em todos os casos, qualquer violência é preocupante, mas, os novos tipos de violência analisados, principalmente em 2021, revelam que seu monitoramento e possibilidade de combate, passa pelo desenvolvimento do capital social, da malha que engloba os diversos entes – escola, pais e sociedade.

A implementação de abordagens preventivas, baseadas no desenvolvimento do capital social é fundamental para combater o cenário exposto em 2021 e criar um ambiente escolar seguro, acolhedor e propício ao aprendizado e, conseqüentemente, aumento do capital humano. Dessa forma, uma sugestão para trabalho futuro está no contexto do Conselho Escolar e no desenvolvimento de projetos temáticos sobre o tema em ações da direção, informações contidas no próprio SAEB.

Ainda, o entendimento normal para o seu combate do Bullying e da discriminação é assumir que o Diretor deve chamar a sociedade em seu entorno e passar a realizar projetos sociais de conscientização, daí a importância de aumentar o capital social.

O combate à violência pode ser considerado como eficaz, uma vez que diminuiu a ocorrência na comparação entre anos. Porém, em parte, tal diminuição pode ser evidenciada nas próximas pesquisas, pois não haverá a influência da pandemia. Portanto, a avaliação contínua permite a identificação de pontos fortes e desafios, proporcionando informações relevantes para o aprimoramento das abordagens preventivas.

Com o conhecimento dos percentuais preocupantes para os tipos Vandalismo e Invasão, se pode especular que tal poderia ser derivado pelo fechamento das escolas ou a possibilidade de não ter sido *vigiada* durante o período inicial de 2021, considerando que as escolas não estavam abertas. Este é um questionamento que pode, também, ser esclarecido aquando dos questionamentos no próximo SAEB.

A motivação do aumento no capital social é de fundamental importância no combate à violência, ou seja, ao promover a colaboração entre os entes sociais – escolas, famílias e comunidades – será possível criar uma rede de proteção e apoio aos estudantes, tornando o ambiente escolar mais seguro e saudável, promovendo o capital humano.

Neste sentido, uma das indicações de trabalhos futuros e dentro do contexto SAEB é a análise das perguntas sobre a interação do gestor com a comunidade, no que tange às questões das experiências do diretor com outras escolas, do apoio da comunidade e das contribuições da família com a escola.

Por fim, há um conjunto de informações, mesmo dentro do SAEB, que podem servir de base para estudos futuros e que podem revelar-se como instrumentos reais de políticas públicas que podem ser implementados pela gestão da escola ao reconhecer o que outros diretores podem fazer.



REFERÊNCIAS

BANDEIRA, P. Participação, Articulação de Atores Sociais e Desenvolvimento Regional. Texto para Discussão, Instituto de Política Econômica Aplicada, Brasília, Nº 630. 1999

BANDEIRA, P. Algumas Hipóteses Sobre as Causas das Diferenças Regionais Quanto ao Capital Social no Rio Grande do Sul. Capital Social e Desenvolvimento Regional, editado por S. M. D. S. Correa. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 15 – 60. 2003

BARBIERI, Bianca C.; SANTOS, Naiara E.; AVELINO, Wagner F.. Violência escolar: uma percepção social. Revista Educação Pública, v. 21, nº 7, 2 de março de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/7/violencia-escolar-uma-percepcaosocial>

BARROS, A R. Desigualdades Regionais no Brasil: Natureza, Causas, Origens e Solução. Elsevier Brasil. Edição do Kindle. 2011

COLEMAN, J. S. Foundations of Social Theory, Cambridge: Harvard University Press. 1990

_____. Social Capital in the Creation of Human Capital. Knowledge and Social Capital: Foundations and Applications. E. L. Lesser. Boston, MA: Butterworth-Heinemann, 17 – 41. 2000

CENTRO DE COMBATE ÀS DOENÇAS - Centers for Disease Control and Prevention - CDC (2021). Referido na página: <https://www.cdc.gov/violenceprevention/youthviolence/schoolviolence/fastfact.html>

GIORDANI, Jaqueline P.; SEFFNER, Fernando; DELL'AGLIO, Débora D. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 103-111, jan/abr 2017.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Microdados do Saeb 2019. Brasília: Inep, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/microdados/saeb>>. Página <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exameseducacionais/saeb/resultados>

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Microdados do Saeb 2020. Brasília: Inep, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/microdados/saeb>>. Página <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exameseducacionais/saeb/resultados>

INEP- Leia-me Microdados SAEB 2021. Diretoria De Avaliação Da Educação Básica, 2022.

LANGONI, C. G. Distribuição de Renda e Desenvolvimento Econômico do Brasil: uma reafirmação, Ensaios Econômicos EPGE, vol. 8, 1973.

MALDONADO, Maria Tereza; MICHELI, Denise. Escola sem Conflitos: Competências Socioemocionais para a Prevenção da Violência e Mediação de Conflitos. São Paulo: Editora Moderna, 2021.

MANKIW, N. G.; ROMER, D.; WEIL, D. A Contribution to the Empirics of Economic Growth. Quarterly Journal of Economics, v. 107, p. 407-428, May, 1992.



MINCER, J., (1974), *Schooling, Experience, and Earnings*, National Bureau of Economic Research, Inc, <https://EconPapers.repec.org/RePEc:nbr:nberbk:minc74-1>.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane M.; PASINI, Audri I; e, LEVANDOWSKI, Gabriel. *O Bullying Escolar no Brasil: uma Revisão de Artigos Científicos*. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 15(2), 203-215. São Paulo, SP, maio-ago. 2013. ISSN 1980-6906 (on-line).

OLWEUS, Dan. *Bullying: Como Prevenir e Controlar a Violência nas Escolas*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2018. Olweus, Dan (2013). *Bullying at School: What We Know and What We Can do*. Oxford, England: Blackwell (Wiley). ISBN 978-1118695807.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL PARA A SAÚDE (2014) *Global Status Report on Violence Prevention*. United Nations Office on Drugs and Crime and United Nations Development Programme.

PSACHAROPOULOS, G., *Economic Impact of Education*. *Leading Issues in Economic Development*, Eight Edition, 189 – 193. Meier e Rauch Org. Oxford University Press. 2005.

PUTNAM, R.; Goss, K. A. (2002). *Democracies in Flux: The Evolution of Social Capital in Contemporary Society*, editado por R. Putnam. New York: Oxford University Press.

ROMER, Paul M. *Endogenous Technological Change*. *The Journal of Political Economy*, v. 98, n 5, p.71-99, 1990.

SPOSITO, Marília P. *Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil*. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 87-103, jan/jun 2001.

SCHULTZ, T. W. *Investment in Human Capital*. *The American Economic Review*, 51(1), 1–17. 1961, consulta na página: <http://www.jstor.org/stable/1818907>.

SOLOW, R. M. (1956). *A Contribution to the Theory of Economic Growth*. *The Quarterly Journal of Economics*, 70(1), 65–94. <https://doi.org/10.2307/1884513>.

SILVA, Flaviany R.; ASSIS, Simone G. *Prevenção da violência escolar: uma revisão da literatura*. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 44, p. 1-13, 2018.

UNICEF – *Violência contra crianças nas Escolas (tradução livre)*, United Nation Homepage <https://www.unicef.org/protection/violence-against-children-in-school>. 2021.

WELLMAN, B.; FRANK, K. *Network Capital in a Multilevel World: Getting Support from Personal Communities*. *Social Capital: Theory and Research*, editado por N. Lin, K. Cook, e R. S. Burt. New York: Aldine de Gruyter, 233 – 273. 2001.